

TE 385

Quando as Máquinas Param

BR.TBES. C.456

10

A GAZETA — VITÓRIA (ES), SÁBADO, 21 DE JULHO DE 1984

teatro

“Quando as Máquinas Param” continua no Carlos Gomes

QUANDO AS MÁQUINAS PARAM (às 21 horas, até domingo, no Teatro Carlos Gomes. Preços: Cr\$ 3 mil, inteira; Cr\$ 2 mil, estudante e Cr\$ 1.500,00, trabalhador sindicalizado) — Peça de Plínio Marcos. Montagem do grupo local Geração. Direção de Luiz Tadeu Teixeira. Elenco: José Augusto Loureiro e Beth Caser. Cenário de Maurício Silva. Produção de Antonio Alaerte. Assistente de produção: Américo Machado. Contra-regra: Maria Elza. Fotografias de Marco Antônio Coutinho.

Este espetáculo, que voltará ao cartaz nos dias 26, 27, 28 e 29 próximos, estreou a nível estadual na semana passada em Cachoeiro de Itapemirim, atraindo cerca de trezentas pessoas ao cineteatro Broadway, em promoção da Prefeitura local. A montagem foi desenvolvida através de ensaios abertos seguidos de debates em bairros da periferia da Grande Vitória, dentro do projeto que o Departamento Estadual de Cultura chamou de Circuito Cultural Sindical e que contou com a participação de líderes sindicais. Os debates eram feitos em torno de um dos temas principais da peça, o desemprego, que nunca esteve tão atual neste país. Ao mesmo tempo o grupo observava as reações e, às vezes, a participação do público para incorporar novos elementos ao espetáculo.



Beth Caser e José Augusto Loureiro em Quando as Máquinas Param

Luiz Tadeu lembra a história de *Quando as Máquinas Param* em relação ao público capixaba, contando que, em 1969, foi apresentada uma montagem na Escola Técnica Federal do Espírito Santo, com Ginaldo de Souza e Vera Vianna no elenco. “Era o terceiro contato do nosso público com o Teatro de Plínio Marcos em menos de um ano. As duas anteriores também foram apresentadas no mesmo local. Primeiro, *Dois Perdidos Numa Noite Suja*, com o falecido Paulo Graça (Mello) e Roberto Pirilo. Logo depois teríamos a primeira montagem capixaba de um texto de Plínio Marcos, *A Navalha na Carne*, projeto do Grupo Praça Oito, tendo Gleycy Coutinho, Gerson Von Randow e Luiz Denaday no elenco”.

Em Guarapari, “Romão e Julhinha”

ROMÃO E JULHINHA (hoje e amanhã, às 16h30m, no Centro de Convenções de Guarapari) — Peça infantil de Oscar Von Pfuhl. Montagem do Grupo Ato e Cena de Teatro Amador. Direção geral e sonoplastia de Telma Amaral. Iluminação de Alvaro Gonçalves. Cenário do grupo. Figurino de Lunamar Gonçalves. Elenco: Osmar Batista (Romão), Kátia do Amaral (Julhinha), Elieson Rangel (Rei), Luhamar Gonçalves (Bufão/ministro), Gérson Saraiva (Amarildo), Maria das Graças Trade (trovador/Arabela), Zaine Silva Rezende (Marquês/cozinheiro), Delcimara de Oliveira (guarda Arauto), Francisco Bastos (conde), Delma Silva Dias (condessa) e Andréa Trade Cristóforo (marquesa).

Esta é a história dos gatos brancos — a

nobreza, e os gatos amarelos — a plebe. Romão, um gato amarelo, apaixonou-se pela princesa Julhinha, filha do Rei Gato Branco, um rei que só pensa em comer peixes.

O autor da peça, Oscar Von Pfuhl, tem grande experiência em teatro. Começou escrevendo para teatro de fantoches e, durante alguns anos, escreveu roteiros para televisão e tem alguns livros publicados, com traduções no exterior. Tem procurado, em sua obra, trazer para o nível da compreensão infanto-juvenil temas políticos e sociais de âmbito universal, como a guerra e a paz, a busca da liberdade, a posse e o uso da terra. Escreveu *A História e as Estórias de Chapeuzinho Vermelho*, *As Beterrabas do sr. Duque*, *A Árvore que Andava*,

Assim como fez agora com o Grupo Geração, retardando a estréia de *Quando as Máquinas Param*, Plínio Marcos acabou frustrando (via SBAT, sociedade que cuida de direitos autorais) a temporada de *A Navalha na Carne*, em sua terceira apresentação, alegando tratar-se de “um grupo amador”.

Mas Tadeu fala de outro tipo de impedimento. “O país mergulharia numa turbulência política ainda mais acentuada e a Censura proibiria a peça em todo território nacional. Em dezembro de 1968 desabara sobre o país o AI-5, sufocando artistas e a própria sociedade brasileira, mergulhando nossa cultura numa longa noite de tormentos”.

Plínio Marcos sempre foi um autor competente e, por isso mesmo, perseguido pela ditadura militar. O Grupo Geração hoje está usando uma frase antiga de Dom Helder Câmara: “O Teatro de Plínio Marcos tem a força de 10 sermões: nos atinge como um soco no estômago”. A linguagem virulenta, contundente, impregnada de denúncia social, lembra Luiz Tadeu, incomodava sobretudo “aos algozes da nossa cultura e se tornavam um dos seus principais alvos”.

O diretor da atual montagem explica: Montar *Quando as Máquinas Param* hoje, em Vitória, nos obrigou, primeiramente, a provar para o Plínio que teremos para com sua peça o cuidado **profissional** (o grifo é dele) que ela merece. *As Máquinas* tem uma ação à flor da pele. Trata do desemprego e de suas implicações no cotidiano de um casal, classe média-baixa, instalado na periferia de São Paulo, nos anos 65-66. Além do aspecto humano, que lhe dá um vigor excepcional, a peça nos permite ampliar a nossa visão sobre uma fase particularmente crítica da nossa História, com fortes apelos sociais e políticos”.

Um Elefantinho Incomoda Muita Gente, Um Lobo na Cartola e Dom Chicote Mula Manca.

A diretora da montagem, Telma Amaral, antes de se transferir para Guarapari, dirigiu por seis anos o Grupo Arco-Iris, de Teatro Amador. Já dirigiu anteriormente as peças *O Sonho do Coelhoinho*, de sua autoria; *Papai Noel e Os Bonecos Falantes*, *Transe* (de Ronald Radde), *Na Fantasia do Reino Infantil*, de sua autoria, *Os Palhaços da Fuzarca*, *O Grilo que Queria Ser Forte, B... em Cadeiras de Rodas* (de Ronald Radde), *As Desgraças de uma Criança*, de Martins Penna e *O Santo Inquérito*, de Dias Gomes. Ministrou ainda vários cursos em cidades mineiras.